

# SUBJETIVIDADES NÔMADES: DA ESTABILIDADE ÀS AÇÕES TRANSFORMADORAS DE UM OUTRO MODO DE SER PROFESSOR

Carmen Brunelli de Moura (UnP)  
carmenbm@bol.com.br

## Introdução

[...] eu sou aquilo que se tem sempre de superar a si mesmo. (NIETZSCHE, 1998).

Em uma época de mudanças constantes, incertezas e de ações de curto prazo nas quais se abre um leque de oportunidades e vantagens que exigem um conjunto de habilidades diferentes, não seria estranho que as subjetividades tivessem de deixar o conforto da estabilidade e se lançar em um turbilhão de ações transformadoras e a elas tentar se adequar para sua própria sobrevivência. É dentre deste contexto de governamentalidade contemporâneo, principalmente, na mídia, que as subjetividades se veem em um processo de transição, que vai levá-las a se abrir a novas experiências e a se constituir como subjetividades, nas quais se instituem novos modos de ser.

Embora os sujeitos estejam sempre em busca da estabilidade, segurança, aconchego, tudo isso se torna uma ilusão na contemporaneidade, na experimentação da vida social em meio a inúmeros discursos de verdade. Não é desta estabilidade que os sujeitos se constituem, mas das transformações e mudanças, das multiplicidades de oportunidades que implicam pensar em diferenças, em subjetividades que escapam de poderes instituídos. Como afirmam Deleuze e Guattari (1995),

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.8).

Compreendendo a mídia educativa como um contexto alternativo e múltiplo de produção de subjetividades, indaga-se como se instituem nas práticas dos espaços midiáticos, especificamente da revista Nova Escola, as subjetividades nômades de professores? Esse trabalho inscreve-se metodologicamente na perspectiva interpretativista discursiva e teoricamente nos Estudos Culturais, contribuições de Foucault (2004) acerca de subjetividade, governo e verdade, e na noção de nomadismo de Deleuze e Guattari (1995).

A partir da concepção de linguagem como prática socialmente construída, objetiva-se descrever como são produzidas as subjetividades nômades de professores nas práticas da revista Nova Escola. Tomam-se como objeto de estudo textos multimodais, publicados na revista, entre os anos 80 e 2000, compreendidos como práticas discursivas que constituem sujeitos.

## Mídia educativa

A mídia educativa brasileira tem um modo particular de discursos para governar a conduta do professor e, os discursos de Nova Escola – *corpus* desta pesquisa – são exemplares ao apresentarem uma multiplicidade de *experts*, provenientes de distintos campos de saber, que produzem textos e realidades diferentes. Esses discursos são produzidos a partir da compreensão de que a linguagem não reflete uma realidade que preexiste a ela, mas por

meio da linguagem, é possível criar realidades em meio a um emaranhado de práticas discursivas. Por isso, não há uma verdade, mas verdades que se encontram em um jogo de múltiplos efeitos e um dos caminhos é tentar perseguir uma delas para ver onde vai dar. Assim, para problematizar a mídia e seus discursos, é preciso compreendê-la

[...] como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita, e uma coisa em curso e feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram, de múltiplas maneiras e com graus de sucesso variáveis, se conectar umas com as outras. (SILVERSTONE, 2002, 16-17).

Essa processualidade presente na mídia e reivindicada por Silverstone, implica o reconhecimento de que os discursos da mídia não operam apenas como subjugadores dos sujeitos, como prática coercitiva que reprime, domina, mas como uma *prática de liberdade* que introduz *tecnologias do eu* para produzir transformações nas subjetividades e nas formas como essas subjetividades constituem efeitos e se posicionam nas práticas sociais. O outro, nessas relações, não é mais aquele que impõe suas verdades, mas aquele que propicia, que negocia, que faz trocas, amplia as relações do sujeito consigo mesmo, diversifica os espaços e as *práticas de liberdade*.

Em termos foucaultianos, penso que atualmente se institui nos discursos midiáticos uma *atitude de modernidade* que compreende os processos de subjetivação, situados na relação entre instituições midiáticas, ética e política. São *práticas de liberdade* que passam a fazer parte da produção das subjetividades nômades e que se traduzem em um corte com a concepção de poder negativo. Agora, os discursos da mídia educativa se constituem como práticas que buscam promover autonomia, liberdade, novas subjetividades dos professores a partir de formas diferenciadas de processos de subjetivação. Esses processos, no interior do neoliberalismo, produzem processos subjetivantes, sugerem uma *educação permanente* e, conseqüentemente, mudanças nos professores e em suas práticas.

Os artefatos midiáticos engendram *processos de desenvolvimento profissional* do professor, permeados de tecnologias do eu, que passam a significar um “lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si” (LARROSA, 1994, p.57). Lugar onde se constituem subjetividades, onde os sujeitos aprendem a ver-se, expressar-se, narrar-se, julgar-se, dominar-se, ou seja, onde os sujeitos aprendem que a constituição de si implica a relação com o outro. Nesse sentido, a mídia educativa vai engendrar vários efeitos na constituição das subjetividades. Não é possível apreender todos os efeitos, uma vez que a linguagem nunca diz exatamente o que diz, pois sempre há múltiplos efeitos enunciando outros que, por sua vez, seria “[...] o sentido mais forte, o sentido ‘por baixo’” (FOUCAULT, 1997, 40).

Estudar a mídia educativa passa a ser “um observatório privilegiado de todas as evoluções e todas as revoluções que ocorrem nos conteúdos, nas formas, nos objetivos e nos ideais de educação, de ensino e da formação” (CASPARD, 2002, p.289 ) e um lugar privilegiado para a compreensão de discursos que são produzidos por uma expertise para o governo de si e dos outros. Ao analisar os discursos da Revista Nova Escola entre os anos 2000 e 2005, percebo que o periódico caracteriza-se como um observatório de onde posso tentar compreender uma *geografia de verdade* presente na materialidade linguístico-discursiva e que me permite inventar algo, criar singularidades, capturar as subjetividades “em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p.35).

Nessa dinâmica, é possível perceber que a Revista Nova Escola narra uma história de emergências no contexto educacional. Que emergências são estas? Uma delas refere-se à emergência de discursos que propiciam a constituição de novas subjetividades dos

professores. Subjetividades compreendidas como nômades, fundadas em experiências nomádicas, como sugere Deleuze (1990), que adverte:

Se os nômades nos têm interessado tanto, é porque eles são um vir-a-ser e não fazem parte da história; são dela excluídos, mas se metamorfoseiam para reaparecer de outra maneira, sob formas inesperadas, nas linhas de fuga de um campo social (DELEUZE, 1990, p. 209).

São destas formas inesperadas que derivam professores que se despem de subjetividades de uma forma constante, pois outras subjetividades já estão ao seu dispor. Na edição de abril de 1986 (Figura 1) os efeitos desse nomadismo já começa a se evidenciar no texto verbal e imagético e se dá a partir de uma *reforma silenciosa*<sup>1</sup> que os docentes promovem na escola pública em vista de um discurso de *falência* que permeava a educação sob o regime militar. A materialidade linguística sinaliza a expertise da Revista que se propõe a pensar *Como os professores estão mudando o 1º grau?*. Esse enunciado faz parte das *problematizações* da época e encaminha para práticas que assumem a “forma de uma arte de si, relativamente independente de uma legislação moral” (FOUCAULT, 2004b, p.244), ou seja, de práticas cujo exercício do poder estava voltado para a disciplinarização das subjetividades. Em lugar dessa individualização, o objeto de preocupação destas práticas discursivas era a intensificação da relação do professor consigo mesmo, materializada em expressões como *discretos e eficazes, corajosos e criativos, realistas e aplicados* que se espalham pela reportagem no interior da Revista. É a linguagem produzindo novas subjetividades, novos modos de vida, novas verdades, novas realidades.

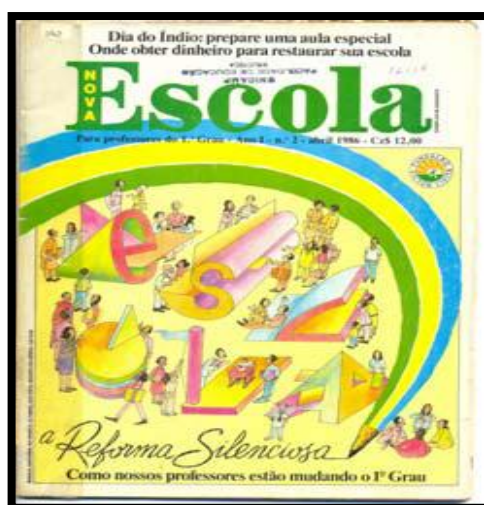


Figura 1: Nova Escola – ano I, n.2, Abril/1986.

Essas qualificações do professor, produzidas nas práticas discursivas da Revista, são ressaltadas no texto imagético quando traz forte apelo a uma nova situação no Brasil, traduzida pelas cores verde e amarela da bandeira e pela representação da sociedade escolar que sugere: professores guerreiros, pais e alunos em posições dinâmicas: lendo, escrevendo, conversando, andando e *sem medo de ser feliz*. Nessa imagem há a visibilidade de sinais de mudança nas relações sociais que evidenciam modificação de pensamento, de atitude, enfim, mudança nas subjetividades de todos, mais livres, mais autônomos, como Foucault (2004b) sugere que sejam os processos de subjetivação, pois a liberdade infere mudanças,

<sup>1</sup> Não é minha intenção discutir os problemas educacionais da época. Mas, como o assunto não deixa de ter certo interesse de todos, acrescento que esta “reforma” fazia várias reivindicações como, distribuição de verbas para as escolas, universalização do ensino e erradicação do analfabetismo.

reivindicações, novas formas de governo de si e do outro. É a Revista Nova Escola contando uma história das práticas de *dizibilidades* e *visibilidades* (DELEUZE, 2005), possibilitando dizer o sujeito e fazer ver suas ações, suas mudanças.

Este é apenas o início de uma história das subjetividades dos professores em direção ao século XXI que passa a ser contada nas páginas do periódico e possibilita ao pesquisador compreender a constituição dessas subjetividades nômades engendradas pelo professor em meio aos discursos de verdade, propostos pela Nova Escola para sua transformação. Para entender que a leitura da imprensa permite equipar o professor de saberes, de verdades que se tornam imprescindíveis na constituição de sua subjetividade, vou buscar em Caspard-Karydis e Caspard evidências de que a Nova Escola se estabelece em uma tecnologia do eu que passa a constituir discursos de verdade que governam a conduta dos professores em direção ao século XXI.

[...] escrever uma história da educação de um outro modo: menos centrado no papel do Estado e dos grandes pedagogos e mais atento à riqueza das iniciativas locais, institucionais [...] a imprensa periódica é uma mídia interativa na orientação da qual os leitores participam de um modo ou de outro, quer escrevendo para ela, quer assinando-a ou deixando de fazê-lo”. (CASPARD, 1993, apud CATANI, 1996, p.117).

São essas tecnologias que antes não mereciam muita atenção por parte dos pesquisadores, mas que agora, na *governamentalidade* neoliberal, vêm fornecendo material suficiente para a compreensão das práticas de subjetivação de professores na atualidade. Nova Escola traduz isso com mestria em algumas capas de suas edições. Apresento-as para exemplificar como a história das subjetividades nômades do professor vem sendo construída pelo periódico em seus textos imagéticos e verbais.

De uma subjetividade *guerreira*, da edição abril/1986, a Revista, em novembro/1987 (Figura 2) passa a reproduzir um discurso de verdade que vem fazendo parte das práticas discursivas oficiais e refletindo as práticas educacionais e os papéis do professor na sala de aula.



Figura 2: Nova Escola, ano II, n.17, nov /1987

Esse *poder* do professor é reproduzido nos processos de subjetivação que são propostos pelas práticas discursivas da Revista ao problematizar acerca do governo do professor no governo do outro e ao enunciar: *O poder do professor: ele constrói o sucesso (ou o fracasso) de um aluno*. Ou seja, ao professor são dadas novas técnicas que evidenciam uma maior autonomia e poder, um governo sobre suas ações e as ações do outro. É a

responsabilidade do professor na condução da conduta, requerida pelos discursos dos documentos oficiais que se traduzem nas marcas linguístico-discursivas *sucesso* e *fracasso*. Essas duas expressões evidenciam não apenas o *poder do professor*, mas também a sua responsabilidade pela condução da conduta do aluno, pois é ele quem vai construir as subjetividades vencedoras ou perdedoras do século XXI.

Por estarem ligados, texto verbal e imagético, o *poder do professor* vai evidenciar efeitos que se refletem nas ações dos dois alunos, constituídos a partir dos discursos construtivistas que perpassam os discursos oficiais e alternativos. No aluno de roupa azul evidencia-se uma subjetividade que já aprendeu a governar a si mesma. Isso se confirma em ações como a de deixar de lado o livro didático, manifesto na posição da mão espalmada; de desfazer-se do material escolar, restrito a lápis e caderno, que ele abandona na entrada da sala de aula quando deixa cair de sua mão; enquanto o outro, de rosa, apega-se ao material escolar como se ele fosse o único responsável pelo seu sucesso. Nessas ações e atitudes tomadas pelo aluno de azul evidencia-se a condução de sua conduta, uma maior participação no próprio aprendizado. No entanto, isso não é construído de forma individual, mas pelo intermédio de um professor, cujas atitudes em sala de aula tornam possível desfazer-se de uma subjetividade como a proposta pela criança de rosa, que ainda se vê presa aos ditames do livro didático, a avaliações ao final do conteúdo e à utilização de um material didático indiferente a sua realidade. A criança de azul mostra evidências de uma maior autonomia, tanto do professor quanto do aluno, em relação aos saberes escolares. Isso aponta para uma subjetividade docente que já aprendeu a governar a si mesmo e agora promove transformações em seus alunos, ensinando-lhes a governarem a si mesmos.

Subjetividades construtivistas que se fazem presentes nas práticas discursivas de outras duas edições, novembro de 1988 (Figura 3) e abril de 1993 (Figura 4). Na edição de novembro, evidenciam-se efeitos de certa urgência nas mudanças que precisam ocorrer nas subjetividades docentes, pois o *bom professor* não pode mais se ater a práticas tradicionais de memorização, aulas meramente expositivas e conteúdos descontextualizados. Os discursos presentes nesta capa de Nova Escola evidenciam que o processo de desenvolvimento profissional precisa ser repensado, pois este não está conseguindo formar um professor que atenda aos discursos neoliberais e tenha atitudes investigativas, senso crítico, iniciativa, flexibilidade. A adjetivação *bom*, anteposta à expressão professor, traduz o processo de mudanças contínuas tanto na pessoa quanto no profissional que são necessárias para a constituição das subjetividades nômades do professor em direção ao século XXI.

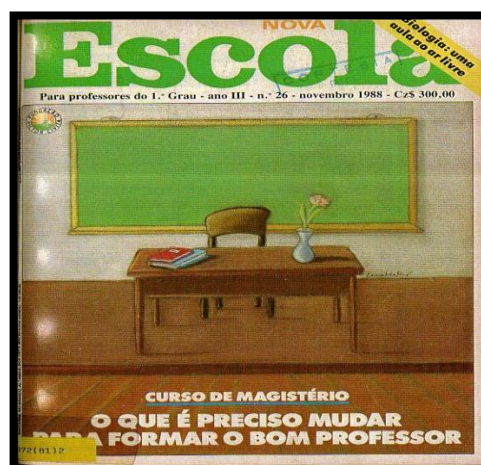


Figura 3: Nova Escola, ano III, n. 26, nov./1988.

O *jogo de verdades* (FOUCAULT, 1989) que vai se construindo a partir dessa problematização, parece se materializar no depoimento de Bernadete (Figura 4), uma



professora que enuncia como conseguiu se *tornar uma construtivista*. Como demonstra Foucault (2004), as subjetividades se fazem em meio a *jogos de verdades*, numerosos, atraentes, fascinantes e recobertos por regras, por procedimentos. Sua expressão de satisfação e a alegria dos alunos parecem evidenciar o que vinha afirmando acerca da relação do poder do professor com a constituição das subjetividades autônomas dos alunos. A subjetividade construtivista de Bernadete parece responder à questão proposta na capa de Nova Escola de 1988 (figura 3), uma vez que o construtivismo só começa a fazer parte de forma efetiva nas práticas de sala de aula nos anos 90.

Assim, a ideia de um professor que ocupa lugar de destaque na sala, evidenciado pela cadeira e mesa em frente ao quadro, que deveria estar livre para que os alunos pudessem ver as informações escritas; uma flor solitária em um jarro e livros muito bem dispostos sobre a mesa, precisa ser desconstruída para ceder lugar a uma outra imagem de professor que estabelece relações, interage com os alunos, que não se coloca à frente, mas ao lado da turma. Essa é a atitude evidenciada pela imagem da professora Bernadete na capa da Revista. Sua imagem, ao lado da porta aberta, denuncia uma abertura nas práticas educativas que parece se confirmar pela imagem das crianças, sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, menos disciplinada e individualizada, evidenciando comportamentos mais livres das possíveis sanções e castigos de épocas passadas.



Figura 4: Nova Escola, ano VII, n.68, abril /1993.

Na edição de agosto de 1995 (Figura 5), evidencia-se uma outra subjetividade do professor que vem sendo construída. É a subjetividade *tecnológica* que substitui livros e cadernos pelo computador que *chega às escolas* e aponta efeitos de um trabalho de preparação do professor para que possa fazer uso dessa ferramenta, que *vai melhorar seu trabalho*, pois ele *ainda vai ensinar com um*. Mas, não é preciso ter receios quanto ao seu uso, uma vez que ele funciona *como um eletrodoméstico*, expressão que recupera a imagem feminina da profissão e evidencia que o professor não deve temer fazer uso desse recurso, pois seu uso é muito simples. É o que a imagem denuncia ao sobrepor o mouse ao giz e a marca linguístico-discursiva *ainda* que funciona como um elemento que reforça tanto a responsabilidade quanto a autonomia do professor na sala de aula.



Figura 5: Nova Escola, ano X, n.86, agosto /1995.

E, finalmente, a capa da Revista (Figura 6) apresenta uma subjetividade autônoma, responsável pelo seu governo que não pode mais depender do Estado, pois este já não se constitui em um porto seguro. É a *governamentalidade* neoliberal dizendo que chegou *A hora do professor* e que é preciso se inserir em *práticas alternativas de desenvolvimento profissional* se ele quiser ocupar uma das muitas vagas que vão se apresentar no início do século XXI. Mas, como se preparar para enfrentar o mercado de trabalho tão competitivo do próximo milênio? O professor deverá procurar uma expertise que promova diferentes e variadas *tecnologias do eu* (FOUCAULT, 1989). Estas tecnologias, embora estejam ancoradas na relação com o outro, não são manifestações de um poder soberano sobre os demais. Elas se constituem em exercícios para a condução do professor em suas atitudes, comportamentos, ações em busca de sua liberdade, de uma relação consigo. É isso que evidencia a imagem da professora na capa de Nova Escola, de dezembro de 1999 (Figura 6). Ela corre, ou melhor, quase flutua. Suas pernas parecem longas asas que a deixam leve diante de uma corrida de obstáculos, marcada pelos lápis e suas formas pontiagudas. Carregada de diplomas em uma das mãos, ela leva a outra mão aos olhos em uma atitude de quem quer ver mais longe, de quem tenta descobrir um horizonte diferente daquele que ela tinha sob seus olhos até então.



Figura 6: Nova Escola, ano XIV, n.128, dezembro /1999.

## Conclusão

Quando me propus a olhar a história das subjetividades nômades na Revista Nova Escola, pensava a questão na condição de que uma pesquisa com periódicos é validada por três razões, de acordo com Nóvoa (2002). A primeira refere-se ao fato de que a imprensa é um meio para a compreensão da multiplicidade de vozes que permeiam o campo educacional; a segunda alude a informações fornecidas e discursos de diferentes *experts* que constroem a educação e, por último, destaca conflitos e regulações de discursos. Esses *experts* atuam como mecanismos reguladores dos periódicos e são autorizados ou convidados ou ainda, tomam para si a função de fazer funcionar “tipos de discurso que ela [a sociedade] acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2003, p.12), ou seja, eles atuam em direção a um governo de si, constituindo subjetividades.

É unânime, então, entre os pesquisadores o reconhecimento de que a imprensa periódica se constitui em uma mídia interativa que extrapola as expectativas dos livros, pois tem em seu interior uma multiplicidade de histórias e de verdades. Além disso, permite ao pesquisador o estudo do “pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar” (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Assim, para que as verdades dos periódicos funcionem na constituição das subjetividades nômades, é preciso que a linguagem dos *experts* propicie uma abertura para novos e diferentes pensamentos, que seja simples e conduza o leitor a *pensar diferente do que pensava antes*. Por isso, a necessidade de:

Uma linguagem mais próxima ao discurso do cotidiano escolar (ao invés do jargão acadêmico), o uso de mecanismos discursivos de envolvimento do leitor ou leitora, uma apresentação gráfica que inclui ilustrações e outros recursos além do texto escrito, e, enfim, a invocação da referência “caminho de atualização constante” delineiam um quadro característico desse tipo de publicação. (COSTA; SILVEIRA, 1996, p. 346).

Como a linguagem constitui os sujeitos e é constituída por eles, é preciso compreender os efeitos que são produzidos pelos discursos dos professores, para os professores e ainda aqueles que se fazem para os professores e passam a conduzir sua conduta. São os discursos midiáticos funcionando como uma tecnologia que, geralmente, toma para si a missão de *ajudar pessoas a compreender e resolver uma questão social fundamental no Brasil, que é a educação*<sup>2</sup>. A mídia educativa impressa visa, portanto, a condução das práticas cotidianas do professor, oferecendo-lhe, além de informações a respeito de conteúdos, programas oficiais, didática, teorias e práticas educativas, uma multiplicidade de técnicas para equipar e orientar as transformações de sua subjetividade. Nesse espaço, por meio de discursos, se produzem tipos particulares de conhecimento institucionalizado, que modelam práticas sociais e colocam em prática novas subjetividades.

A Revista Nova Escola apresenta, portanto, em seu funcionamento discursivo modos de conduzir as ações do professor com uma sutileza de *governamento* presente nos enunciados que são recorrentes em muitas edições. Os discursos *orientam caminhos para [...] ensinar melhor*<sup>3</sup> para ser *um mestre da reflexão* que evidenciam efeitos da tão propalada autonomia requerida para as subjetividades do século XXI. São subjetividades nômades que se constituem em veredas irregulares e instáveis, cujas dimensões são múltiplas. Subjetividades que são movidas pelas linhas de fuga que engendram novos sentidos. Sentidos

---

<sup>2</sup> NE, nov. 2000, p.14.

<sup>3</sup> NE, maio2001, p.22.



que parecem se constituir com uma corda sobre um abismo. Fica difícil saber quando a corda sofrerá alterações. Mas, uma coisa é possível compreender: a estabilidade não é duradoura e as ações transformadoras se constituem em um *devoir* que vão colocar o professor em um constante movimento, transformação de si mesmo nos processos de subjetivação em busca de um novo nomadismo, de um outro modo de ser professor.

## Referências

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. In: *Educação e Filosofia*, n. 10, v.20, 115-130, jul./dez.1996.

\_\_\_\_\_; BASTOS; M. H. C. (Orgs.). *Educação em revista*. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CASPARD, P. A profissão docente, entre história e memória. Uma investigação em um instituto francês de formação de professores. *Revista História da Educação*, Pelotas: ASPHE, v. 6, n. 12, set. 2002.

COSTA, M.V.; SILVEIRA, R. M.H. A Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas para o magistério. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). *O magistério na política cultural*. Canoas (RS): Editora da ULBRA, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pouparlers*. Paris: Minuit, São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. Tecnologías del yo. In: \_\_\_\_\_. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p.45-94.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, Freud, Marx – Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1997.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação – Estudos foucautianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86

NÓVOA, A. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: EDUCA, 2002.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.